

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

História do Jornalismo Brasileiro
Professora Dra. Maria Erica de Oliveira Lima
26 de abril de 2019

O jornalista do tempo em que se praticava a arte de sujar os sapatos.

Nathally Kimberly dos Santos Silva¹

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

Lançado pela editora Leya, a obra “Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro”, escrita pelo jornalista Audálio Dantas, em 2012, possui 287 páginas e é prefaciada pelo jornalista Fernando Morais e conta com contribuições do jornalista Ricardo Kotscho, do professor e escritor Samir Curi Mesani e da jornalista e escritora Eliane Brum, que finalizam a obra com uma entrevista com o autor da narrativa.

O livro é composto por 13 reportagens, consagradas, realizadas por Audálio Dantas. São elas: Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou, O circo do desespero, Nossos desamados irmãos loucos, A nova guerra de Canudos, Oh, Minas Gerais!, Doença de Menino, Povo Caranguejo, Chile 70, Oh! Canadá!, Joaquim Salário-Mínimo, O prédio, À margem e A maratona do Beijo. Todos os capítulos iniciam com um relato do autor contextualizando a época, o surgimento da pauta, suas ideias para diferenciá-la das demais, seus desafios durante a cobertura e as conclusões de suas reportagens, logo em seguida, ele as coloca na íntegra para que o leitor possa visualizar a finalização do trabalho. Essa forma de composição estrutural é imprescindível para o entendimento e a relevância da obra que narra a trajetória desse jornalista ímpar.

Audálio Dantas nasceu em Alagoas, em 1932. Iniciou sua carreira de jornalista como repórter da Folha de S.Paulo (1954), passando depois pela revista O Cruzeiro, Quatro Rodas, Realidade, Manchete e Nova. Entre os trabalhos mais importantes que realizou, como

¹ Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: nathallykss14@gmail.com

jornalista e escritor, está o livro Quarto de despejo, no qual editou o diário de Carolina Maria de Jesus, catadora de papel que morava na favela do Canindé, em São Paulo, cuja reportagem está descrita no primeiro capítulo da obra resenhada. O livro, lançado em 1960, é até hoje um dos mais vendidos no Brasil e foi traduzido para 13 idiomas. Em 1975, quando Vladimir Herzog morreu na prisão, assassinado pela ditadura militar, Audálio era presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e denunciou o caso. Em 1981, recebeu da ONU o prêmio de defesa dos direitos humanos por sua série de reportagens sobre o nordeste brasileiro publicada na revista Realidade. Escritor de mais de 10 livros, entre eles “As duas guerras de Vlado Herzog”, ganhador do prêmio Jabuti e o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, em 2013. Além de sua destacada atuação no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Audálio teve sempre, também, importante participação junto a outros órgãos de classe, como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Faleceu em Maio de 2018, aos 88 anos, vítima de um câncer de intestino.

A obra resenhada foi publicada em 2012 em razão da comemoração de 80 anos do jornalista. Inicia-se com um prefácio de Fernando Morais, intitulado “Um outro Audálio. Tão bom quanto o que peitou a ditadura”. Fernando é um jornalista mineiro, que trabalhou no Jornal da Tarde e na revista Veja. Recebeu três vezes o prêmio Esso e quatro vezes o prêmio Abril de jornalismo. Foi deputado e secretário da Cultura e da Educação do Estado de São Paulo.

Em seu prefácio, o mineiro, profere inúmeros elogios aos trabalhos de Audálio Dantas como repórter, durante sua passagem pelas revistas O Cruzeiro e Realidade. A primeira fora comprada por Assis Chateaubriand em 1928 e, tinha como ingrediente principal grandes reportagens, que levaram O Cruzeiro a atravessar décadas de sucesso, vendendo em bancas mais de 700 mil exemplares por semana. Um sucesso estratosférico, tendo em vista que, em meados de 1950, a população do Brasil era quatro vezes menor que a atual e contava com altos índices de analfabetismo. O Cruzeiro foi enfraquecido por conta da grande repressão após o Golpe Militar de 1964. Em 1966, a revista Realidade entra em circulação no Brasil e, em pouco tempo, estourou em todo país. Com uma qualidade gráfica impecável e o mesmo ingrediente da revista O Cruzeiro, grandes reportagens, a revista Realidade se converteu em um fenômeno editorial.

À vista disso, Fernando ressalta que é impossível contar a história do jornalismo brasileiro sem mencionar as duas revistas, para as quais, Audálio prestou seus serviços e possibilitou o sucesso de ambas. O escritor revela que o indica como um dos grandes nomes da imprensa nativa para iniciantes da profissão e que, em sua maioria, é reconhecido como “aquele que peitou a ditadura na morte de Herzog”. Contudo, Fernando discorre que esta obra leva em consideração as características jornalísticas de Audálio, bem como sua coragem e força na busca de personagens novos para suas

grandes reportagens, indo além de seus grandiosos feitos como Presidente do Sindicato dos jornalistas de São Paulo.

“Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro” é uma coletânea de alguns dos melhores trabalhos de Audálio Dantas publicadas entre o final da década de 1950 até meados dos anos de 1970, bem como um texto especial para a revista Playboy, em 1993. O objetivo do livro é abordar o *making off*, os bastidores da apuração dos fatos, as singularidades vividas pelo jornalista no cotidiano da profissão, assim como apontar os desafios de transformar vida em texto jornalístico. Em busca desses objetivos, o livro torna-se um exemplo de uma vertente do jornalismo, o *new journalism*.

O *new journalism* é, por sua vez, uma vertente do jornalismo literário que é caracterizado pelos aspectos narrativos da sua composição, pela descrição do cenário, pela maior aproximação com o ser humano, em contraposição à estrutura rígida do *lead* da notícia. Esses aspectos só são possíveis de serem encontrados em reportagens cuja pauta não seja fria, mas humanizadora. Essa vertente vem crescendo desde o início do século XX e foi alavancado por jornalistas como Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe. Em todas as 13 reportagens do livro, Audálio traz um ou mais personagens reais, o detalhe que as diferencia só diz respeito à composição dos personagens, mas, em nenhum momento, eles deixam a sua condição de herói. Esta condição é fundamental para solidarizar e manter um laço afetivo com o leitor. Pensar de forma humanitária é a questão central abordada nos bastidores de suas reportagens.

Há duas reportagens, retiradas do livro, que exemplificam essas características de humanização jornalística valorizada por Audálio. A primeira, intitulada “Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou” conta os detalhes iniciais de uma pauta sobre uma favela que crescia no bairro do Canindé, às margens do rio Tietê. A comunidade foi escolhida por sua localização, bem próxima do centro da cidade, que incomodava ao exibir a miséria até então escondida na periferia.

Audálio confia que o quão fácil foi redigir aquela reportagem, pois tudo que teve de fazer foi contar como se dera o encontro com Carolina Maria de Jesus e os caminhos que ela havia percorrido para chegar à favela do Canindé. Apenas uma breve introdução, visto que o texto da reportagem foi extraído dos diários escritos pela própria favelada. Carolina, enquanto mulher negra, que trabalhava na maior parte do tempo como catadora de papel, e que criava sozinha três filhos pequenos, era autora de dezenas de cadernos. Entre eles, um diário extensíssimo, que editado por Dantas, virou o livro Quarto de Despejo. A reportagem traz à tona o primeiro documento que mostrou em primeira pessoa a desagradável realidade de ser mulher, negra e pobre neste país, e, ao mesmo tempo, com quanta dignidade era possível suportar tanta discriminação.

A visibilidade alcançada por Carolina, através de Audálio, foi suficiente para expor o cotidiano da vida no Canindé, que era violento, permeado por doenças, alcoolismo e fome. A fome era

retratada por ela desde o início e é definida como a escravidão dos tempos modernos. Não demorou para Carolina virar celebridade internacional. Também não demorou para que as críticas duvidasse da veracidade dos textos de Carolina. O jornalista relata os preconceitos dos críticos que expunham “Onde já se viu, uma negra semianalfabeta, e ainda por cima favelada, escrevendo desse jeito!” (DANTAS, 2012, p. 18). Enquanto isso, o livro fazia sucesso, aqui e no exterior, traduzido em treze idiomas. Críticos de prestígio consideravam-no um documento importantíssimo de uma realidade social, outros apontavam qualidades literárias na autora.

A reportagem, em si, ressalta o interesse profundo do jornalista em expor essa realidade imperfeita, esses dramas cotidianos e essa humanização da personagem de Carolina que representa essa força da mulher guerreira que sobrevive da persistência e esperança de dias melhores. Através de sua personificação, ele transmite a reflexão sobre o Brasil e a vida da mulher negra, bem como aproxima o leitor dessa realidade, por muito tempo escondida e maquiada pela mídia. Uma grande lição de vida e solidariedade estão intrínsecos à leitura dessa reportagem e dessa obra.

A segunda, O circo do desespero é, a meu ver, um dos capítulos mais emocionantes dessa obra. Na descrição de sua segunda reportagem, Audálio expõe um concurso de dança excruciante e desumano. Com intuito de reportar uma matéria diferenciada e original, o jornalista apresenta aos seus editores a pauta sobre o XI Concurso de Resistência Carnavalesca, promovida pela TV Record e patrocinada por uma empresa de produtos de limpeza. A competição, realizada no Ginásio Ibirapuera, consistia no desafio de dançar, exatas, 70 horas de músicas carnavalescas com o objetivo de levar para casa o prêmio de 300 mil cruzeiros, que seriam divididos àqueles que permanecesse de pé no tablado ao final da disputa.

“Eu não pretendia, com aquele texto – nem com nenhum outro que tinha escrito até então –, fazer ninguém chorar. Mas considerei que aquele era o jeito certo de contar uma história.” (DANTAS, 2012, p. 33). Impossível ser alheio às palavras escritas naquela reportagem do jornal O Cruzeiro, do dia 23 de março de 1963. A descrição minuciosa utilizada, neste capítulo, busca te proporcionar, mesmo com sua própria resistência, a vivenciar o cenário imposto aos 246 competidores daquela noite. Seus perfis? Negros, mulatos, brancos, mestiços, homens e mulheres. Um retrato do Brasil. Mas o que teria em comum mais de 246 seres humanos que se dispõem a participar desse inescrupuloso ambiente circense? É exatamente essa questão que o autor busca expor.

A “tragédia de carnaval” estava em cena naquele tablado e, assim, como tragédia, a matéria foi tratada. O texto relata um itinerário, hora a hora, do desenrolar da disputa e os competidores são apresentados como números, pois eram representados com grandes números escritos numa cartolina pendurada no pescoço. Ao conhecer os concorrentes, havia entre eles uns poucos que participavam pela graça da exibição, mas a maioria buscava o prêmio para suprir necessidades. Entre as necessidades explicitadas, tínhamos a do concorrente número 87 que declarou “o meu menino furou

as vistas, eu preciso mandar operar as vistas do meu menino.”(DANTAS, 2012, p. 38) e temos, também, a da concorrente 51, que “tem seis netos e tem que fazer comida pra eles, mas não tem fogão. Ela quer comprar um fogão pra fazer comida pros netos dela.”(DANTAS, 2012, p. 39). A caracterização da conjuntura vivida pelo concorrente número 70, que pouco mais de uma hora do final, arrastava-se no tablado com as mãos cruzadas no peito, é chocante. O autor compara sua trajetória na competição com as três quedas de Cristo a caminho do Calvário, pois levantou-se de três quedas, mas na quarta não conseguiu. Ao final, comovida, chego a imaginar o que os milhares de leitores da revista puderam sentir.

De acordo com esses exemplos, podemos notar o esforço do repórter em ampliar o olhar humanitário do leitor sobre temas do cotidiano, ressaltar a relevância da solidariedade para aqueles que necessitam, cobrar o respeito com a dor do outro, tais valores são de suma importância para a manutenção do jornalismo brasileiro. Não é a toa que recebeu o Prêmio de Defesa dos Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas), pois a ligação de seu olhar compassivo e a sua atuação em prol da defesa de direitos durante a ditadura militar influenciaram profundamente o destino da democracia em nosso país.

A emoção é o combustível dessa brilhante obra. Em cada história contada percebemos que foi escrito por alguém preocupado com o ser humano. Cada personagem apresentado traz consigo uma característica inspiradora, que te arrancam um sorriso ou que te causam uma certa angústia. A narrativa lhe transporta para um tempo tão bem descrito e, também, te dão esperança. Esperança de uma humanização que se faz imprescindível atualmente, onde os personagens não são meros detentores de aspas, e de uma transformação do Jornalismo. Combatendo aquele jornalismo enraizado, que tem se tornado frequente com a Internet e as informações em “tempo real”, principalmente as redes sociais.

Uma curiosidade que merece destaque é que ao ler “Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro” senti um desejo de me aproximar dessa vertente explorada por Audálio Dantas, sonho em vivenciar essas oportunidades onde os jornalistas saem às ruas para caçar notícias, conhecer as realidades, descobrir novas culturas, desvendar as mazelas e tristezas ou alegrias alheias. Essas sensações durante a leitura é fruto da linguagem clara, sem necessidade de rebuscamento, mesmo sendo a obra de um jornalista tão brilhante e portador de um léxico admirável.

Aos estudantes da área de comunicação social, a leitura de uma obra como essa é crucial pois reúne reflexões importantes sobre o retratar, indispensável a todo jornalista que busque aprimorar sua escrita e apuração. Esse livro reportagem é inspirador desde a primeira página pois o rigor na apuração e o amor pela profissão que o jornalista Audálio Dantas apresenta é de encher os olhos.

Por fim, apenas reafirmo os inúmeros elogios que direcionei a obra e deixo a indicação para jornalistas e não jornalistas. Boa leitura e deleite-se pouco a pouco, página a página, dessa obra que inspira.